

Festival escolhe hoje as 20 canções finalistas

Música brasileira é noiva rica e deve ser exigente

— É um bom casamento a ser feito — comentou Franck Pourcel, na Redação de O GLOBO, quando a reportagem quis saber sua opinião sobre a influência norte-americana nalguns arranjos da etapa brasileira do III Festival do Rio. — A música brasileira — acrescentou — é sumamente rica, sobretudo pela sua forte personalidade rítmica e harmônica, cuja preservação deveria ser a preocupação primordial do arranjador.

Pourcel declarou que não é contra o "casamento" da música de um povo com a de outro "Acho até muito bom que se faça — disse — mas sem sacrificar as características de cada um. As soluções do tipo Ravel e Debussy, que já enriqueceram a música de Hollywood, podem beneficiar também o Brasil, mas o importante é não copiar. A criação má é sempre melhor que a boa cópia".

Jobim e Vandré

— Ouvi as vinte finalistas da etapa nacional — disse Franck Pourcel — e gostei particularmente da primeira colocada. "Sabiá" é ótima porque tem as marcas do estilo particular de Tom Jobim, compositor muito bem conhecido.

E "C minhante"?

— Não posso julgá-la — comentou o chefe de orquestra francês — porque, não conhecendo o Português, não estou em condições de apreciar o texto, que parece ter sido o principal responsável pelo seu êxito. O texto é, certamente, o impacto da presença de uma pessoa sózinha com o seu violão, contrastando com as multidões

de executantes que precederam a sua atuação.

Gostei da música de Vandré — acrescentou —, no gênero dos *chansonniers*, com seus *couplets* curtos característicos, mas não encontrei nela o poderoso sopro musical dos grandes músicos brasileiros, de Ari Barroso a Edu Lobo.

Nunca viu

Na breve entrevista que concedeu durante a visita que fez a O GLOBO, Franck Pourcel insistiu muito no adjetivo *formidável* sempre que se referia ao Festival do Rio:

— Nunca vi algo parecido. Vinte e cinco mil pessoas aplaudindo, gritando, cantando, participando com tal vitalidade do espetáculo. Na Europa, isso não existe. Os nossos festivais, Eurivisão, que também têm concurso, ou MIDEM, um mercado de profissionais, por exemplo, são realizados em salas pequenas e na presença de um público frio, exageradamente bem comportado, e sem o menor auxílio oficial. Os nossos governos só gastam dinheiro em música clássica.

Formação

Clássica foi a formação de Franck Pourcel, que estudou nos conservatórios de Marselha e de Paris, onde conquistou seus primeiros prêmios de Violino e Harmonia. A madriística foi a sua iniciação no jazz, gênero em que se introduziu como percussionista da sua própria orquestra — quin-

ze anos de sucesso com seus discos nas listas fonográficas, alguns deles também clássicos, como o álbum que acaba de gravar a frente da Sinfônica de Londres, com páginas de Tchaikowsky, Rachmaninoff e outros autores de fácil aceitação popular.

Franceses

Franck Pourcel mencionou alguns dos nomes de maior sucesso na França de hoje: Adamo, espécie de Vandré, Hallyday, Françoise Hardy, Richard Anthony, Claude François, entre os novos, e os de sempre: Aznavour, Bécand, Jacques Brel e Georges Brassens, que conseguem manter o nível altíssimo de seus primeiros triunfos.

Vanguardistas

— Na Sala Pleyel, ouvi recentemente um concerto de Pierre Boulez com a Orquestra do Concerbebow de Amsterdão — contou Pourcel, comentando a música da vanguarda. — Confesso que os meus ouvidos estão ainda mais afinados com Mozart do que com os nossos vanguardistas, ao contrário do que acontece com minha filha, que tem vinte anos. Contudo, acho admiráveis os resultados a que chegaram eles no campo da pesquisa tímbrica, utilizando instrumentos convencionais.

E a grande música brasileira?

— Na Europa só conhecemos Villa-Lobos — afirmou Pourcel.

finalistas da fase internacional do Festival da Canção Popular serão hoje à noite em um espetáculo mete vibração do público, já que 17 músicas do programa destacam-se fortes candidatas. Grécia, Iugoslávia, Japão, Brasil, Luxemburgo foram alguns dos países cujas canções ganharam muitos aplausos no dia de ontem à tarde.

O file do Maracanãzinho começará às 8, com exibição especial do compositor John Rowles. Paul Mauriat, francês, fará apresentação especial da canção nacional "O Sonho" de Gismondi, e Les Reed, da Inglaterra, implementam o "show" de introdução etílica estrangeira.

A primeira delegação a subir ao palco concorrente oficial é a da Argentina "Os Gatos", conjunto de jovens, aprendizes de um lé-lé-lé de Lito Neba. "Sem Timigos", "Sabá", do Brasil, que está apontada como uma das favoritas, será apresentada em oitavo lugar.

Artistas com intérpretes brasileiros serão exibidos durante os intervalos. Maria da Taiguara — cantando "Helena, Helena" — Milton Nascimento, Agostinho dos Santos — apresentando sucessos como "Manhã de Carnaval" e "Alade" — são alguns dos cantores nacionais que participarão dos "shows" extras. Em o compositor-jurado Geo Vouzda Suíça, apresentar-se-á regendo a orquestra da TV-GLOBO.

Na tarde de ontem, à margem dos encontros compareceram ao Museu da Imagem e do Som, para depoimentos, a cantora francesa Hardy, e os cantores Pino D'Amico e Paul Anka. À noite, todas as ações estrangeiras foram recepcionadas na residência do nosso companheiro, o jornalista-chefe de O GLOBO, Roberto Marinho.

EMIOS

Jornalistas estrangeiros representando países no III Festival da Canção reuniram-se na manhã de ontem no Hotel Copacabana para discutir os critérios de julgamento dos prêmios que serão atribuídos aos artistas e canções em competição na fase estrangeira. Formaram-se comissões para escolher os artistas dignos de menções honrosas e que mais contribuíram para elevar o nível do Festival.

Dinah Shore é a estrela mais cotada para receber a indicação de artista que mais contribuiu para enriquecer os espetáculos do Festival. A húngara Zeuzsa Koncs e a brasileira Patrícia Aspillaga disputam a preferência dos jornalistas, que escolherão a vencedora entre as cantoras do Festival. O francês Antoine, de Luxemburgo, está bem cotado para o prêmio de "mais simpático" atribuído com a imprensa.

ENTE MAIS

O júri internacional, constituído por Perry Warren, dos EUA (presidente), Paul Mauriat, da França, A. C. Welland, da Alemanha Ocidental, Raul Velasco, do México, Luis Atria, do Chile, Geo Vouzard, da Espanha, Jorge Arandez, da Espanha, Gianfranco Boschi, da Itália, Helena Vandrakova, da Tchecoslováquia, Les Reed, da Inglaterra, Spela Rozin, da Iugoslávia e Elton Bernstein, dos EUA, decidiram escolher os finalistas, em vez das tradicionais primeiras colocadas.

A seleção será anunciada pelo placard eletrônico — já devidamente recuperado — durante a exibição da última concorrente: a austríaca, com Peter Horton. Amanhã serão entregues os troféus e prêmios em dinheiro aos artistas ganhadores da fase internacional.







● Hardy e Donaggio no Museu

No depoimento "mais incompleto e apático de todos aqui realizados", segundo o diretor Renato Cravo A.B.N. a cantora Françoise Hardy contou passagens de sua vida no Museu da Imagem e do Som, contrastando com a espontaneidade da gravação que se seguiu, do italiano Pino Donaggio.

Françoise Hardy respondia sêcamente a todas as perguntas, tendo inclusive se negado a interpretar um trecho de sua música mais famosa, "Tous les Garçons et Les Filles", porque não havia orquestra, acrescentando ainda que "meus discos estão à venda, se quiserem podem comprá-los em qualquer parte". Foi a única nesta série de depoimentos durante o Festival Internacional da Canção, que não cantou durante a gravação.

Tímida

Embora houvesse transformado o depoimento em inquirição, com respostas lacônicas, Françoise não parecia estar de má-vontade, apenas mostrava sua maneira de ser, introvertida. Ela disse que nasceu a 17 de janeiro de 1944, em Paris. Lá mesmo estudou, até 6 anos atrás, quando, gravando seu primeiro disco, foi logo lançada nos primeiros lugares do hit-parade mundial. Sobre sua infância, disse: "nada houve de especial. Foi boa".

Após "Tous les Garçons et les filles", Hardy tem gravado um disco por ano, todos obtendo boa repercussão, embora não atingindo o êxito do primeiro. Afirmou que não conhece bem a música brasileira, e que a acha "bonita, mas complicada demais para os estrangeiros".

Sua música preferida é "L'Amour Heureux", de Georges Brassans, e cita, entre os cantores internacionais, Bob Dylan, os Beatles, os Rolling Stones e Jaques Dutronc como os melhores. Seu depoimento durou apenas quinze minutos, devido à frieza com que respondia a tudo, o que desagradou ao diretor do MIS, que afirmou na oportunidade:

— Foi para mim uma grande decepção. Esperava que Françoise, pelo menos no final, cantasse um trecho de "Tous les Garçons et les filles", o que salvaria a gravação, mas até nisso ela não cooperou.

Donaggio

Pino Donaggio disse ser um compositor que procura dar às suas músicas construções harmônicas, "se não complicadas, pelo menos bem trabalhadas", o que diz não ser muito comum hoje em dia. Explica este aperfeiçoamento pelo estudo clássico que teve no Conservatório de Veneza, onde se graduou.

— Inicialmente — afirmou — compunha música clássica e depois um pouco de jazz, e fui parar na popular após "Come Sinfonia", classificada em primeiro lugar no Festival de San Remo, quando era um ilustre desconhecido. Após "Come Sinfonia", outras canções, como "Noturno d'amore", "Io che non Vivo senza te", "Una Casa em Cima al Mundo", e "Io per Amore" me tornaram mundialmente famoso, e não pude mais largar a canção popular.

Não gravará músicas brasileiras porque é um compositor que canta somente o que compõe, "sem exceção". Acrescentou que a grande propagandista das canções brasileiras atualmente em seu país é Mina, cujo último disco, "Upa Neguinho", está em primeiro lugar em toda a Europa, fazendo sucesso maior do que o obtido com "A Banda". Com 27 anos, Pino Donaggio afirma que no futuro pretende compor, se possível músicas exclusivamente para filmes, como já vem fazendo espaçadamente. Finalizando seu depoimento, ele cantou "Io che non Vivo Senza Te", sua composição de maior êxito no Brasil.

A inglesa Anita Harris aproveitou o sol para ir à praia e passou horas divertindo-se na água

Patrícia Aspillaga, que apresentará hoje a canção peruana, tirou a manhã de ontem para passear na Avenida Atlântica

A voz bonita e forte de Imela Miller cantará hoje um bolero mexicano

Todos consideram Tom um finalista certo

